



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CH - CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DG - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO
URBANO, RURAL E AMBIENTAL**

JONATHAS EDUARDO DOMINGOS MORAIS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁXIS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA
ESCOLA NORMAL DE ALAGOA GRANDE- PB**

**GUARABIRA – PB
2012**

JONATHAS EDUARDO DOMINGOS MORAIS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁXIS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA
ESCOLA NORMAL DE ALAGOA GRANDE- PB**

**GUARABIRA –PB
2012**

M827f

Morais, Jonathas Eduardo Domingos

Formação de professores: práxis da educação geográfica na Escola Normal de Alagoa Grande-PB / Jonathas Eduardo Domingos. – Guarabira: UEPB, 2012. 26f.

Monografia (Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa”.

1. Formação de Professores 2. Geografia Escolar
3. Representações Sociais I. Título.

22.ed. CDD 371.12

JONATHAS EDUARDO DOMINGOS MORAIS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁTICA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA
ESCOLANORMAL DE ALAGOA GRANDE- PB**

Artigo Científico apresentado ao
Curso de Especialização em
Geografia e Território da Universidade
Estadual da Paraíba, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
Especialista em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa

**GUARABIRA-PB
2012**

JONATHAS EDUARDO DOMINGOS MORAIS

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁXIS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA
ESCOLA NORMAL DE ALAGOA GRANDE- PB

Guarabira-PB, 14/06/2012

BANCA EXAMINADORA

Francisco Fábio Dantas da Costa

Prof.Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Prof. Departamento de Geografia/UEPB-Guarabira-PB

Cleoma Maria Toscano Henriques

Prof. Esp. Cleoma Maria Toscano Henriques
Prof. Departamento de Geografia/UEPB-Guarabira-PB

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof. Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Prof. Departamento de Geografia/UEPB-Guarabira-PB

GUARABIRA-PB
2012

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PRÁTICA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NA ESCOLANORMAL DE ALAGOA GRANDE- PB

Jonathas Eduardo Domingos Morais

RESUMO

A presente análise fundamenta-se na constatação dos problemas que afetam a educação brasileira como um todo e o ensino de Geografia, em particular, mostrando a necessidade de superar os motivos que levaram esta disciplina a ser tratada com tanto descaso nas escolas. Tendo em vista o conhecimento destas questões, decidiu-se investigá-las com maior profundidade a partir da contribuição dos alunos do Ensino Médio, Modalidade Normal, da Escola Normal Estadual Ministro Oswaldo Trigueiro de Melo, em Alagoa Grande, PB, objetivando fazer o resgate das práticas vividas pelos formandos da Escola Normal de Alagoa Grande quando foram alunos do Ensino Fundamental, na área de Geografia, e relacioná-las com a percepção da importância da Geografia Escolar nas séries iniciais, identificando o descompasso existente entre os objetivos da Geografia escolar e as práticas vivenciadas. Os procedimentos metodológicos aplicados a esta pesquisa possibilitaram a elaboração de importantes reflexões quanto à prática pedagógica em Geografia, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, além de colaborar na formação geográfica dos futuros professores para que possam assumir uma postura de comprometimento com a disciplina para que, de fato, a mesma cumpra com seus objetivos curriculares. Em suma, permitiu-se concluir que os professores possuem inúmeras dificuldades teórico-metodológicas quanto ao ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental provenientes das lacunas deixadas durante a formação, por consequência proporcionando atitudes de negligenciamento da disciplina no ambiente escolar, fatos não isolados mas que permitem uma análise do processo de formação dos professores e sua relevância qualitativa.

Palavras-Chave: Formação e Ensino Normal; Geografia Escolar; Representações sociais.

ABSTRACT

The present analysis is based on the finding of the issues affecting education in Brazil as a whole and the teaching of geography in particular, showing the need to overcome the reasons why this subject to be treated with such contempt in schools. Given the understanding of these issues, we decided to investigate them in greater depth from the contribution of high school students, Normal Mode, the State Normal School Trigueiro Minister Oswaldo de Melo, in Alagoa Grande, PB, aiming to make the rescue of praxis experienced by graduates of the EcoleNormale de Alagoa Grande when they were elementary school students in the area of Geography, and relate them to the perception of the importance of geography in school grades, identifying the gap between the goals of the school and Geography the praxis experienced. The methodological procedures applied to this research enabled the development of important reflections on the pedagogical practices in geography, in the early grades of elementary school as well as collaborate on future geographical formation of teachers to assume a position of engagement with the discipline to that in fact, it meets their curricular objectives. In short, allowed to conclude that teachers have numerous theoretical-methodological difficulties concerning the teaching of geography in the early grades of elementary school from the gaps left during training, therefore providing attitudes of neglect of discipline in the school environment, not isolated facts but allow an analysis of the process of training teachers and their qualitative relevance.

Keywords: Perception and teaching, school geography, social representations.

1. INTRODUÇÃO

A presente análise fundamenta-se na constatação dos problemas que afetam a educação brasileira como um todo, e o ensino de Geografia, em particular, mostrando a necessidade de superar os motivos que levaram esta disciplina a ser tratada com tanto descaso nas escolas, sendo comum nos Conselhos de Classe, realizados no final de cada ano letivo, a reprovação em Geografia e em outras disciplinas da área humanística, ao invés de língua portuguesa e Matemática. Também nas séries iniciais, existe uma prática nas escolas em que o aluno é considerado preparado para a aprovação quando tem algum domínio da leitura e da escrita, bem como das principais operações matemáticas. Nesse contexto, a alfabetização geográfica não é valorizada, os conteúdos da disciplina ainda são desvinculados da escala local, deixando lacunas no processo de formação integral do aluno.

Esta compreensão remete à verificação de que a origem de atitudes preconceituosas assenta-se no tratamento secundário destinado às ciências humanas na primeira fase do Ensino Fundamental, quando há uma maior atenção dos professores ao desenvolvimento de habilidades de leitura e cálculo de operações matemáticas. Com isso, não se está postulando que a Geografia é mais importante que as demais disciplinas, mas por ter-se a certeza da sua significância na construção da aprendizagem, na medida em que suscita os questionamentos das relações sociais instituídas, das ações antrópicas na modificação da natureza, da cidadania como forma de atuação crítica, nessa ampla busca de entender o mundo, ressalta-se as suas potencialidades.

Também não se trata de atribuir à Geografia um papel de vítima do currículo escolar, o que se propõe é uma revalorização das atitudes assumidas, a partir do currículo manifesto, pela comunidade escolar e sociedade em geral, diante da certeza da importância desse ensino. Tendo em vista o conhecimento dessas questões, decidiu-se investigá-las com maior profundidade a partir da contribuição dos alunos do Ensino Médio, Modalidade Normal, da Escola Normal Estadual Ministro Oswaldo Trigueiro de Melo, em Alagoa Grande, PB, denominados de formandos, pois na medida em que concluem o Ensino Médio, já se encontram formalmente habilitados para lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A escolha deste público ocorreu porque, longe de serem apenas alunos, os formandos são futuros professores das séries iniciais do Ensino Fundamental e as atitudes que venham a assumir podem ou não conduzir ao êxito no ensino-aprendizagem, neste caso, geográfica. Mediante o exposto, esta pesquisa propõe fazer uma análise sobre a sistematização da Geografia escolar no Brasil, seus objetivos e as tendências do ensino de Geografia na atualidade, bem como um resgate das práxis vividas pelos formandos da Escola Normal de Alagoa Grande quando foram alunos do Fundamental, na área de Geografia, e relacioná-las com a percepção da importância da Geografia Escolar nas séries iniciais, identificando o descompasso existente entre os objetivos da Geografia Escolar e as práxis vivenciadas.

Dessa maneira, espera-se contribuir para a discussão da importância do processo de formação inicial e continuada dos professores. De um lado, apresentando a experiência que os formandos tiveram em relação à aprendizagem em Geografia, ainda enquanto alunos e, do outro, a identificação da existência de lacunas nas metodologias utilizadas no ensino da Geografia, na Modalidade Normal, preparatória para o exercício do magistério.

2. CONSOLIDAÇÃO E OBJETIVOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

O Ensino de Geografia no Brasil apresenta a face de um passado de conflitos, lutas ideológicas e, nem sempre, de vitórias na busca de uma Geografia verdadeiramente cidadã, política, que veja na escola um alicerce embasador das discussões da sociedade, objetivando que o aluno construa bem mais que associação de conhecimentos engavetados e sem nenhuma contextualização social, mas as atitudes de cidadania.

A partir desse entendimento, cabe aos profissionais dessa área do conhecimento propor uma reflexão que possibilite compreender a evolução desse ensino no Brasil, desde o período de sua institucionalização enquanto ciência e disciplina escolar, até a sua renovação, mostrando a perspectiva de uma ciência que contribua na educação como primordial para a formação do cidadão.

Para começar a abordagem, é necessário remeter à educação jesuíta, responsável por grande parte dos ensinamentos no país, até o século XIX. Tais

práticas tiveram forte influência filosófica na formação dos primeiros professores de Geografia embora, naquele contexto, tais ensinamentos fossem secundários, conforme menciona Genylton Odilon Rêgo da Rocha:

Durante os mais de duzentos anos da educação jesuíta no Brasil a Geografia não teve assento nas escolas enquanto disciplina escolar. Não existiam também cursos de formação de professores para atuar no ensinamento desses saberes. Os conhecimentos geográficos por serem em grande parte interesse do Estado eram vulgarizados nas salas de aula (ROCHA, 2000, p. 131).

Verifica-se toda uma política de desvalorização da Geografia, desde o início da educação formal no país, bem como do profissional da área. Rocha (op. cit.) afirma que os docentes que atuavam no ensino dessa disciplina eram oriundos de outras profissões (advogados ou sacerdotes) ou eram autodidatas ou, ainda, profissionais em início de carreira, em outras áreas do conhecimento. Em decorrência disso, a produção literária não contemplava as especificidades de cunho geográfico, uma vez que não eram escritas por geógrafos, conforme citação abaixo:

A Geografia no antigo ginásio, em 1934, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos. Esses expressavam geralmente o que foi a Ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades, etc. A memória era a capacidade central para o estudante se sair bem nas provas (PONTUSCHKA et. al., 2009, p.46).

Verifica-se pela citação anterior que os textos eram compostos por descrições das paisagens, numa perspectiva de desconexão entre os fenômenos da Geografia Física e Humana. Só a partir da década de 1930, com o surgimento dos primeiros cursos de formação de professores no Brasil, a Geografia escolar passou a ter maior difusão, pois foram criados os cursos de Geografia e História, compondo uma única graduação que, no período militar constituiu a área de Estudos Sociais, de cunho nacionalista patriótico, objetivando mistificar a população, descrever e exaltar o território brasileiro, conforme menciona Rocha (2000):

A introdução de Estudos Sociais nas escolas de primeiro e segundo graus fazia parte de um processo mais amplo da reforma da educação brasileira, iniciada já no mesmo ano em que os militares deram o golpe e assumiram o comando do Estado brasileiro (ibidem, p. 135).

Na verdade, a substituição da História e Geografia pelos Estudos Sociais ocorreu devido as especificidades inerentes ao ensino dessas disciplinas, por

possibilitarem aos alunos compreenderem as transformações que ocorrem no espaço geográfico, as relações de poder instituídas, a contextualização social dos fatos, fenômenos e relacioná-los ao cotidiano. Dessa forma, num regime militar, não caberia esse tipo de discussão, o que repercutiu na qualidade do material didático da área de Estudos Sociais disseminado nas escolas, naquele período:

Medidas ligadas à Política Educacional do País (sob o regime militar) na década de 1970 levaram para as escolas livros com saberes geográficos extremamente empobrecidos em seu conteúdo, desvinculados da realidade brasileira e, ademais, descaracterizados pela proposta dos Estudos Sociais. Esse empobrecimento é explicado pela imposição da censura militar sobre publicações, autores e editoras (PONTUSCHKA et. al., 2009, p.53).

A eliminação do ensino de Geografia do currículo, dando lugar aos Estudos Sociais ocasionou o empobrecimento da Geografia na educação básica, bem como a insatisfação do professor que via a sua disciplina compor apenas um agrupamento de conteúdos, na maioria dos casos, desvinculados da realidade social, apresentando um retrocesso de uma vitória ainda nem alicerçada. Esse tipo de conteúdo colaborava para um ensino menos cidadão, crítico, reflexivo (...). “A eliminação da Geografia e da História do currículo concorreria para empobrecer a formação humanista da juventude, comprometendo de forma grave seu preparo integral e equivaleria ao fracasso do ensino em si mesmo.” (CONTI apud ROCHA, 2000, p. 71)

Consequentemente, a formação do profissional tornou-se ainda mais precária, pois os cursos de licenciatura em Estudos Sociais tinham duração de apenas dois anos e, só com modificações na estrutura desses cursos, passou a haver uma formação específica em Geografia ou História para, a partir disso, possibilitar ao professor o recebimento do diploma de estudos adicionais garantindo, assim, a licenciatura plena.

Os profissionais da Geografia, impulsionados pelas discussões promovidas pela AGB no âmbito de propor uma reforma curricular na educação brasileira, a fim de combater a negligência com a disciplina, tiveram destaque no processo de luta pela valorização da Geografia e dos seus profissionais, desde a realização de eventos como o “Fala Professor”, que abre espaço para a discussão da Geografia Escolar, o incentivo à produção acadêmica com a Revista Terra Livre, tendo como foco a valorização do profissional e sua participação efetiva na educação.

O objetivo das diferentes produções e dos debates consistia na tentativa de descobrir meios para minimizar a compartimentalização dos conteúdos escolares e a distância entre o Ensino da Geografia e a realidade social, política e econômica do País (PONTUSCHKA et. al., 2009, p.68).

Apenas no final dos anos oitenta, do século XX, foi que houve certo avanço, quando as grades curriculares das escolas de Ensino Fundamental e Médio foram apresentadas com aulas de História e Geografia. Entretanto, mesmo com a mudança curricular, não se percebeu, ainda naquele período, nenhuma mudança no ensino. Conforme menciona Vesentini (2002), a própria produção acadêmica dos cursos de Geografia possuía um vazio em relação à formação do professor, podendo ser considerada como nada consistente e, na própria estrutura interna dos cursos superiores de Geografia, a preocupação era com a formação dos bacharéis (geógrafos) e não com a formação de professores para o Ensino Fundamental e Médio.

2.1. Considerações sobre os objetivos do ensino de Geografia

Ao refletir-se sobre os objetivos do ensino de Geografia no contexto atual, remete-se a uma compreensão dos paradigmas da Geografia, tendo em vista que se busca a superação da Geografia Tradicional, descritiva e mnemônica por uma Geografia que forme o cidadão. Em alguns casos, mesmo após uma vida de luta por uma Geografia crítica e reflexiva, ainda se faz necessário um “confronto” por uma afirmação dessa disciplina e dos seus profissionais nas escolas, talvez pelos motivos já elencados no item anterior.

O ensino da Geografia no nível fundamental, nessa nova perspectiva da educação, deve levar a uma reflexão sobre a importância de saber interpretar melhor o mundo, fazendo a sua leitura para que, assim, se possa provocar nos alunos uma postura crítica e reflexiva sobre a sociedade onde os mesmos estão inseridos, indagando e questionando sobre o espaço em constante transformação, as questões sócio-ambientais, econômicas, políticas para que participem e atuem como cidadãos, conforme menciona Helena Copetti Callai:

É necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, que aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com outros saberes (do professor, de outros interlocutores) o seu conhecimento. Esse conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma

consciência espacial, dos fenômenos, das relações sociais, que se travam no mundo (CALLAI, 2002, p. 93).

Compreende-se que essa não é uma tarefa fácil, mas cabe aos professores de Geografia a missão de elucidar o verdadeiro papel dessa ciência no contexto de informação cultural, social, onde o aluno começa a apresentar uma postura crítica sobre as transformações existentes na sua realidade. Uma aplicação dessa perspectiva de ensino da Geografia pode ser feita no momento em que o professor trabalha temas do cotidiano, a exemplo das transformações do espaço geográfico, resíduos sólidos urbanos, água, dentre outros presentes na Geografia, buscando compreender a realidade vivida pelos alunos e as condições que enfrentam, procurando relacioná-las com a situação de outros bairros, cidades e suas diferenças, fazendo as relações com escalas mais abrangentes, partindo do local para o global ou vice-versa, conforme as possibilidades e/ou necessidades, de acordo como seguinte entendimento:

A escala de análise é um critério importante no estudo da Geografia. É fundamental que se considere sempre os vários níveis dessa escala social de análise: o local, o global, o nacional, o mundial. A busca das explicações do que acontece em determinado nível dessa escala, favorece análises mais conseqüentes (CALLAI, 2002, p. 95).

Esses procedimentos metodológicos tem que ser implementados para que a Geografia não se constitua uma disciplina desconexa, de conteúdos fragmentados. Esta ciência necessita e tem a função de dialogar com a realidade do aluno. Faz-se necessário compreender que as situações evidenciadas no bairro próximo a escola, por exemplo, têm uma conseqüência, embora em escalas distintas, a nível regional e essa contextualização é intrínseca à aprendizagem geográfica.

Para que seja possível trabalhar nessa perspectiva, a formação profissional deve estar em consonância com uma corrente do pensamento geográfico cuja filosofia seja a valorização do ser humano e a construção de valores cidadãos. Essa visão será responsável pela superação de procedimentos arcaicos, a exemplo da ultrapassada divergência entre professores e pesquisadores, visto que professor também é um pesquisador e, dessa forma, deverá criar mecanismos para ampliar suas possibilidades de pesquisa e aplicação no contexto escolar, assim como superar o papel secundário que é destinado à sua formação, no contexto educacional brasileiro.

É urgente a necessidade de pensar-se uma Geografia que auxilie na formação dos cidadãos, que pluralize as discussões de cunho social, onde a escola seja o palco principal dessas situações, onde o papel dos educadores seja reafirmado como formadores e não apenas como transmissores de conteúdos. É preciso refletir a postura do professor de Geografia e voltá-la para objetivos mais condizentes com a cidadania, conforme ressalta José William Vesentini:

Não é possível formar cidadãos ativos sem haver uma cidadania ativa, que inclusive deve ser permanentemente expandida, enfim, sem haver uma sociedade democrática. E essa é uma tarefa para todos, não apenas para o professor. E é uma tarefa que não se ensina, mas se aprende conjuntamente, se aplica nas relações inter-humanas, inclusive no ensino (VESENTINI, 2001, p. 31).

A postura de um ensino voltado para a cidadania deve permear os objetivos de introduzir, no âmbito escolar, as reflexões das relações sociais de forma integrada, em constante transformação, mostrando ao aluno seu papel ativo na sociedade, responsável e comprometido historicamente. A Geografia escolar deve colaborar nesse sentido, através das metodologias que avançam em um pensamento de ensino menos centralizador, no que diz respeito aos conteúdos escolares, e mais reflexivos ao perceber o cotidiano como sala de aula.

As abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar ao aluno os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, em diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas a seu respeito, esperando que desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade-natureza.

É assim que se podem entender os saberes que estão ligados ao modo de agir, de fazer, de pensar sobre a realidade, do ponto de vista da Geografia, como saberes que requerem a reflexão sobre as finalidades desse campo disciplinar, sobre as possibilidades históricas de contribuição social desses saberes, o que passa pela compreensão do modo de pensar peculiar desse campo (CAVALCANTI, 2002, p. 109).

É válido compreender a extrema importância do mundo vivido, o conhecimento que o aluno traz do seu cotidiano, que contribui efetivamente no ensino-aprendizagem geográfica, pois quando essas relações se intensificam, geram contribuições para a sala de aula, ou seja, as representações sociais que os mesmos possuem são recursos ricos nesse processo.

3. A DIMENSÃO CULTURAL DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

A Geografia presente nos currículos passou, ao longo tempo, por mudanças em suas características. De uma disciplina enraizada na descrição e memorização, sem contextualização social, passou a incorporar a dimensão cultural, valendo-se das representações sociais em que as categorias de análise produzem discussões.

Na atualidade, os desafios da cultura local vistos nas paisagens, na vida social e no espaço humanizado fazem perceber a relação de escala entre os espaços mais distantes e o lugar de vivência, nas modificações ocorridas na vida em sociedade, nas práticas sociais que modificam o ambiente, processos em que a Geografia Cultural dá sua contribuição, conforme citação de Cosgrove (2000, p. 34):

Em seus textos, os geógrafos culturais compartilham o mesmo objetivo de descrever e entender as relações entre a vida humana coletiva e o mundo natural, as transformações produzidas por nossa existência no mundo da natureza, e, sobretudo, os significados que a cultura atribui a sua existência e as relações com o mundo natural.

A partir da compreensão da contribuição da Geografia Cultural na análise do espaço geográfico, recorre-se à sua produção acadêmica para auxiliar na compreensão da vida em sociedade, estudando os distintos significados presentes no espaço enquanto produção coletiva e, para dar suporte a este tipo de análise, utiliza-se da Fenomenologia, que leva em consideração a subjetividade, possibilitando uma percepção espacial que faz com que o vivido/percebido seja relacionado à abordagem geográfica, conforme Pereira et al. (2010): “a Geografia inspirada na Fenomenologia enfoca, de forma subjetiva, a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento.” (ibidem, p. 176).

No que concerne à Geografia escolar, é necessário que se compreenda a importância do aluno no processo de ensino-aprendizagem, não como um ser que chega a escola como uma folha em branco, mas como um indivíduo que traz uma riqueza de conhecimentos do seu cotidiano e que precisa ser valorizado na escola formal, rompendo com procedimentos de exclusão, conforme aborda Márcia Resende:

O aluno não participa do espaço geográfico que estuda. Se o espaço não é encarado como algo que o homem (aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a Geografia torna-se alheia a ele. (...) os alunos efetivamente chegam à

escola com um saber peculiar sobre o espaço que faz parte de suas respectivas histórias, das múltiplas atividades que enchem suas vidas, seus espaços cuja lógica eles aprendem na própria carne (RESENDE, 1989, p.83).

Dessa forma, cabe aos professores valorizarem o espaço vivido dos alunos e integrá-los na construção de uma aprendizagem geográfica. É necessário entender suas histórias de vida e compreender que a Geografia como ciência e como disciplina escolar, sem distinção, serve para ajudar a refletir sobre as mais tênues discussões sociais.

É possível correlacionar o espaço geográfico com o conhecimento prévio dos alunos, propor e objetivar uma Geografia criativa, questionadora dos fatos sociais e culturais relacionando os espaços próximos aos mais distantes, numa perspectiva de aprendizado do conteúdo da disciplina, conforme compreensão de Callai (2002, p. 93).

Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor e de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma “consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que travam o mundo.

Outro aspecto que se deve considerar são as representações do modo de vida em sociedade, através da cultura, proporcionando um sentido amplo dessas discussões na Prática Pedagógica em Geografia, evidenciando-se um posicionamento de inserção de uma educação voltada às representações sociais e culturais do indivíduo. Percebe-se a contribuição da Geografia Cultural na citação seguinte:

Estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, admitir que a cultura esteja intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico e um sistema imaginário na construção da identidade espacial de um grupo (ZANATTA, 2008, p. 06).

É possível reconhecer essas representações presentes na construção do saber em Geografia, no entendimento onde a cultura, a relação da sociedade com o meio, a imaginação, a concepção de paisagem e lugar, as representações espaciais estão

correlacionados aos objetivos da Geografia e coincidem com as discussões da Geografia Cultural, proporcionando uma troca de referenciais teórico-metodológicos na aprendizagem geográfica.

A compreensão do lugar e a apropriação do mesmo como recurso para as aulas de Geografia são constantemente mencionados na literatura geográfica. É necessário estudar o lugar para compreender o mundo, bem como as relações existentes entre o local/global e relacioná-las com a aprendizagem construtiva dos alunos, a subjetividade, as experiências baseadas nas discussões da sociedade em que o mesmo vive.

Essa percepção de espaço está ligada à experiência vivida, a um espaço que, de certa forma, a experiência vivida seleciona e ordena. Assim, ganha ou não importância nesse espaço (ao contrário da hierarquia estabelecida de fora para dentro na transmissão escolar do espaço geográfico) aquilo que objetivamente adquire importância na trajetória vital de cada um (RESENDE, 1989, p. 86).

Considerar o espaço vivido na construção desse saber é um desafio na educação, nos questionamentos docentes e discentes. Nas aulas de Geografia, apresenta-se a disciplina escolar e seus conteúdos, metodologias, estratégias, avaliação entre outros meios didáticos a fim de que o aluno alcance a aprendizagem acerca do meio urbano ou rural, por exemplo. Porém, é no discurso dos alunos que vivenciam ambas as situações que se encontra a consistência dessa realidade, o legado de cada um constitui os meios concretos desse processo, conforme entendimento de Callai (2002, p. 84).

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal, a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assumem a dimensão do espaço local.

O estudo do lugar na Geografia é entendido como o resultado das relações existentes no meio, onde muitas vezes buscam-se externamente as respostas para o cotidiano e, costumeiramente, encontram-se no contexto escolar e social os reflexos dos acontecimentos ocorridos em outras escalas, requerendo-se uma atitude mediadora que possa ressaltar essas relações e seus significados, conforme ressalta Zanatta (2008, p. 12), “por meio da compreensão, é possível alcançar uma significação, revelar a essência dos fatos que representam experiências vividas”.

Dessa forma, compreender o espaço vai além da percepção visual expressa na paisagem, está ligada ao espaço vivido, a percepção individual, as relações com o lugar e, por sua vez, a Geografia Escolar precisa de uma apreciação dos recursos que a própria sociedade lhe oferece para o ensino-aprendizagem, no sentido de ampliar a discussão das categorias geográficas e associá-las ao cotidiano.

4. PERCEPÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR PELOS FORMANDOS DA ESCOLA NORMAL

Os elementos de interesse dessa reflexão tendem a valorizar a importância da formação do professor, uma vez que se entende a dimensão da aprendizagem como um ato de constante transformação, num ciclo construtivo. **Considerando este foco, questiona-se o que o Ensino Médio na Modalidade Normal proporciona como aprendizagem de metodologias no ensino de Geografia para os formandos? Até que ponto nessa formação está sendo discutida a Geografia como uma disciplina importante para os futuros professores e como eles utilizarão esses conhecimentos com seus alunos, de maneira a contribuir para construção da cidadania?**

Procurando compreender melhor tais relações, optou-se por aplicar questionários contendo perguntas subjetivas, em relação à compreensão de aspectos da prática de ensino de Geografia e da percepção dos formandos sobre a Geografia Escolar, no Ensino Fundamental. Nesta etapa, foram selecionados aleatoriamente alunos concluintes das turmas do 4º ano manhã e 4º ano noite que, na oportunidade, já haviam realizado o estágio de observação e docência em turmas do Ensino Fundamental. Responderam ao questionário um total de 25 formandos. Em seguida, os questionários foram analisados qualitativamente, procurando-se resgatar a percepção dos formandos, sendo a mesma apresentada em forma de fragmentos que seguem no corpo do texto.

No resgate das experiências vividas pelos formandos, ainda enquanto alunos do Ensino Fundamental, referentes às metodologias utilizadas pelos professores de Geografia, mencionaram que:

“A Geografia nos primeiros anos do ensino fundamental não era uma disciplina separada e, no máximo, aprendíamos pontos cardeais, estações do ano, relevo.” (Formanda Karina Sousa da Silva).

“Era tudo na base da decoreba, os professores passavam os questionários, respondiam e mandavam estudar para prova.” (Formanda Carmem Joébia Sousa da Silva).

“Quando eu estudei o ensino fundamental era a matéria Estudos Sociais e eu tive a experiência de aprender o necessário para passar de ano.”(Formanda Josete da Silva Ferreira).

“Foi boa, mas poderia ter sido melhor, pois no tempo em que estudei o Ensino Fundamental, tudo era na base da decoreba, então acho que não foi muito proveitoso, o que aprendia, na maioria das vezes, se esquecia após a prova.” (Formanda Michelly Silva Sobral).

Pode-se considerar que a vivência da Geografia para esses formandos, no momento em que estudaram o Ensino Fundamental, não foi das mais proveitosas. Ficaram claras as dificuldades quanto às metodologias quando os mesmos citaram a “decoreba” que, na linguagem escolar, refere-se às ultrapassadas técnicas de memorização dos questionários, infelizmente ainda presentes no cotidiano escolar.

Quando argüidos sobre a forma como ocorre o processo de ensino-aprendizagem em Geografia no Ensino Médio Modalidade Normal, alguns formandos responderam que:

“De forma que nós, futuros educadores, devíamos estar nos preparando para ensinar a disciplina Geografia, e não estarmos estudando os conteúdos de Geografia.” (Formanda Rita de Cássia da Silva).

“De forma não correta porque no Magistério era pra ser dada a didática e não um assunto que nós não precisamos porque já vimos no Ensino Médio. Como vamos saber ensinar nossos alunos se não aprendemos a ensinar?” (Formanda Edleuza Avelino do Nascimento).

“Para quem só quer concluir o 2º grau tá razoável, mas para quem quer ensinar de 1ª a 4ª série, está uma negação.”(Formando Ednaldo Carlos de Sousa).

“De forma muito lenta, pois acho que é considerada uma matéria escanteada, quando não era pra ser, pois é onde vamos aprender a ensinar nossos futuros alunos.” (Formanda Michelly Silva Sobral).

“O Curso do Magistério prepara os alunos para serem professores de 1ª a 4ª séries, porém não está havendo essa preparação na disciplina de Geografia, onde os professores só estão preocupados de ensinar a matéria para o vestibular.” (Formanda Sandra Paula Ferreira).

É possível verificar uma lacuna na formação desses futuros professores, visto que se percebe a negligência dos professores do Curso Normal com as metodologias para o ensino da Geografia. Dessa forma, o profissional que está sendo formado desconhece os objetivos da Geografia, bem como as formas de ensiná-la de forma a alcançar tais objetivos.

Paradoxalmente, existe um “desencontro” no currículo do Ensino Médio Normal quanto às disciplinas destinadas à formação de professores e à preparação para o vestibular. Na melhor das hipóteses, da forma como vem se efetivando, essa formação não cumpre, na totalidade, nenhuma das duas funções.

Desses depoimentos, sintetiza-se que os formandos sentirão dificuldades de lecionar Geografia e, certamente, levarão essa deficiência para a prática de sala de aula. É comum ouvir dos mesmos relatos de que na escola não estudaram alguns conteúdos da Geografia ou até mesmo que as aulas se resumiam à leitura e resumo de textos, com resolução de questionários. Possivelmente, tais práticas equivocadas são decorrentes da formação inicial precária dos docentes e/ou da ausência de formação continuada.

A Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba publicou, em 2006, os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio, Modalidade Normal, um trabalho de grande importância para o direcionamento de discussões produzidas acerca do ensino no Estado e suas aplicações. Os Referenciais, elaborados com a parceria de professores das Escolas Normais do Estado, objetivam consolidar a organização curricular desse nível de ensino, bem como analisar e discutir as práticas pedagógicas vivenciadas. Importante se faz mencionar que o direcionamento do seu texto é para que o Ensino Normal possibilite a formação dos futuros professores, tanto na parte pedagógica, através das disciplinas dessa área, quanto nas disciplinas de base comum. Nesta última, enquadra-se a Geografia, onde se destaca a seguinte recomendação ao professor formador.

Cada professor das disciplinas de base comum só poderá avançar para o ensino dos estudos programáticos do ensino médio quando as aprendizagens que se esperam das quatro primeiras séries do ensino

fundamental estiverem asseguradas pelos formandos; o tempo para tais aprendizagens, porém não poderá ultrapassar o limite máximo do primeiro semestre da primeira série (GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, 2006, p.40)

Verifica-se, dessa forma, que existe uma orientação oficial para o trabalho com a parte pedagógica de cada uma das disciplinas da base comum, o que faz com que passe a existir uma divergência entre as falas dos formandos e as orientações dadas aos professores formadores do Ensino Normal, através de seus referenciais, o que faz com que se questione se a negligência com a parte pedagógica da Geografia na escola Normal de Alagoa Grande não seja ocasionada por deficiências na formação inicial ou continuada dos professores de Geografia de tal estabelecimento de ensino. Esse desencontro entre a teoria e a prática possibilita refletir sobre as incertezas que existem no processo educativo na escola, confirmando a afirmação de Martins:

Os desafios da docência levam-nos ao questionamento da relação que existe entre a formação e a atuação do professor no cotidiano da sala de aula. Existe uma complexidade de elementos que se articulam e que contribuem para o desenvolvimento da prática pedagógica. Um curso de formação de professores tem a função de suprir não apenas a demanda de profissionais em quantidade, mas, sobretudo, em qualidade, por meio de uma sólida formação teórica que lhes possibilite enfrentar as contradições que emergem da e na práxis (MARTINS, 2009, p.168).

Existe um grande distanciamento entre a formação do professor e a realidade que o mesmo vivencia em sala de aula. O professor das séries iniciais tem sua função no processo ensino-aprendizagem direcionada a efetivação de uma formação cidadã, a partir da reflexão de que alunos se quer formar e para qual sociedade. Dentro dessa conjuntura, conclui-se que:

Sua prática pedagógica veicula e expressa uma concepção de aprendizagem, espera-se, pois, que o profissional por nós formado seja capaz não só de distinguir, dentre várias concepções de aprendizagem, aquela que pretende operacionalizar, como também saber que tipo de prática a ela corresponde, isto é, que aspectos dessa prática a caracterizam como correspondente àquela concepção (GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, 2006, p.19).

A preparação dos formandos no Ensino Médio, Modalidade Normal, proporciona aos mesmos a experiência do Estágio Supervisionado, desenvolvido nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A partir dessa vivência, pretende-se aqui refletir sobre o posicionamento dos mesmos quanto à prática pedagógica em

Geografia desenvolvida nos estágios, quais as expectativas, incertezas, resultados que nortearam esse período e a percepção em relação ao Ensino de Geografia no Cotidiano Escolar, conforme os fragmentos seguintes:

“No momento do meu estágio, as turmas que observei não tinham a matéria de Geografia ou, se tinha, não houve aula de Geografia.” (Formanda Katiane S. Rodrigues).

“Percebi uma enorme ausência. Hoje, só é lecionado mais português e Matemática e, em final de ano, é que é trabalhada a Geografia. Os alunos só passam de ano de souberem ler, escrever e as quatro operações.” (Formanda Carmem Joébia Sousa da Silva).

“Durante as cinco semanas de observação, em todas as séries do Ensino Fundamental, não vi nenhum professor ensinar Geografia. Apenas ensinavam Português e Matemática.” (Formanda Karina Sousa da Silva).

“Eu percebi no meu Estágio que os professores tratam a Geografia como uma disciplina sem valor. Eu passei um mês de estágio e não vi, em nenhuma sala, os professores trabalharem os conteúdos da Geografia.” (Formanda Sandra Paula Ferreira).

“Não posso falar do Ensino de Geografia, pois no meu Estágio não houve essa disciplina.” (Formanda Verônica V. da Rocha).

“Eu senti muita dificuldade na minha docência para ensinar Geografia, os assuntos que eu recebi para aplicar tinha muitas dúvidas, que acho que deviam ter sido tiradas na Escola Normal.” (Formando (a) Desconhecido).

A maioria dos relatos apresentados evidenciaram experiências obtidas através das observações nos estágios, deixando clara a ausência da Geografia no cotidiano das salas de aula no Ensino Fundamental de Alagoa Grande. Os formandos, por sua vez, apresentaram dificuldades para relatar suas práticas no ensino da disciplina, as metodologias e recursos que aplicaram, o que pode ser atribuído a pequena familiaridade com os objetivos da Geografia escolar e com as metodologias mais apropriadas para se trabalhar com as séries iniciais.

Um dos formandos relatou verbalmente suas dificuldades e lamenta suas incertezas quanto à Geografia escolar. A seriedade dessa discussão compete-nos a

questionar acerca de como os professores estão sendo formados e as dificuldades encontradas atualmente em sala de aula, que foram observados pelos formandos.

A lógica é que o que não se aprende, de forma alguma poderá se ensinar. O professor formador, o formando, o professor regente estão inclusos nessas dificuldades de sistematização do conhecimento geográfico. Essa discussão também não se limita ao Ensino Normal, ela abrange o tratamento que vem sendo dado à Geografia, ao longo de mais de um século de discussões, requerendo uma nova postura, de forma a truncar tantas permanências e práticas perniciosas.

Na essência do Projeto Político Pedagógico do Ensino Médio, Modalidade Normal, existe uma preocupação voltada para o estágio dos formandos, visando a formação de profissionais comprometidos com a aprendizagem dos alunos, com a pesquisa, a preparação para a prática, que é discutida ao longo de todo curso. A incerteza é quanto aos resultados desse processo preparatório, principalmente para não ser apenas o fim, mas o ápice da vida profissional, ou seja, o estágio supervisionado do Ensino Normal precisa possuir um caráter significativo de experiências, ser inovador não só para as turmas por onde o formando estagiou, mas para a sua prática como futuro professor, ser uma investigação e busca de melhorias no ensino, a partir da sua prática, conforme fragmento do mencionado Projeto:

Preparar para a docência é, pois, dar continuidade, é desenvolver capacidades supostamente em desenvolvimentos e, nelas, avançar. Como aspectos que poderão contribuir para a definição do(s) objetivo (s) dessa prática registramos alguns: fazer o formando avançar na auto-percepção como professor; ampliar o seu conhecimento sobre o cotidiano da sala de aula; favorecer a sua percepção da prática docente como objeto de reflexão, de investigação de conhecimento; oferecer-lhe oportunidades para a identificação dos seus próprios domínios e conquistas, como também das lacunas e limites da sua formação a serem superados; contribuir para que ele conheça melhor suas capacidades e limites relativos aos relacionamentos pessoais e profissionais. (GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, 2006, p.60)

Por outro lado, as contribuições dos estudos acadêmicos devem ser mais que questionamentos e reflexões, precisam ter um enfoque prático no cotidiano das escolas. A Universidade precisa estar mais presente, através de incentivos à formação profissional, pois o distanciamento existente compromete os reais objetivos da Geografia escolar, quando estudar Geografia precisa ser um exercício presente na realidade das escolas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os procedimentos metodológicos aplicados a esta pesquisa possibilitaram a elaboração de importantes reflexões quanto à prática pedagógica em Geografia, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, além de colaborar na formação geográfica dos futuros professores para que possam assumir uma postura de comprometimento com a disciplina, para que, de fato, a mesma cumpra com seus objetivos curriculares.

As dificuldades encontradas pelos formandos em estagiar em Geografia podem ser traduzidas como reflexos de um ensino-aprendizagem que deixou sérias lacunas e não se pode aqui apontar culpados por essa situação. Os questionamentos propostos não são de caráter qualificador da Geografia como a mais importante disciplina escolar, mas objetivaram uma valorização do seu papel, principalmente na construção da aprendizagem significativa pelos alunos, buscando definir seus objetivos no cotidiano escolar. Afinal, é necessária a consciência da alfabetização geográfica no intuito de fortalecer os conhecimentos através dos conteúdos da disciplina, não apenas pela via dos conteúdos escolares e que se tenha na educação uma visão de leitura de mundo.

As representações sociais presentes no cotidiano dos alunos que, na maioria dos casos, ficam distantes da escola, mesmo estando tão próximas, devem ser valorizadas, requerendo que se introduza uma proposta de educação mais humanista, que tenha como pressuposto o reconhecimento de que, através da aprendizagem, se consiga compreender o mundo, para constituir uma educação mais cidadã, menos metódica.

Ao debruçar o olhar sobre as contribuições da presente pesquisa, é possível entender a percepção que os formandos têm acerca da Geografia, a partir de três pontos: enquanto alunos do Ensino Fundamental, compreendendo a Geografia como uma disciplina baseada no tradicionalismo das suas metodologias; enquanto formandos do Ensino Normal, a partir da necessidade de uma formação direcionada para a construção de metodologias para serem aplicadas no ensino de Geografia; enquanto estagiários, a partir da identificação das dificuldades de lecionar os conteúdos da Geografia, representando um reflexo das lacunas deixadas pelo processo de ensino-aprendizagem inicial.

6. REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 183 -103.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Formação Crítica do Profissional em Geografia: elementos para o debate. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002, p. 101-121.

COSGROVE, Denis. Mundo de Significados: Geografia Cultural e imaginação. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenny. (Orgs). Tradução de Tânia Shepherd. **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000, p. 33 - 60.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, Secretaria de Estado de Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares da Paraíba: Ensino Médio Modalidade Normal: Formação Docente para a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação e Cultura. João Pessoa, 2006.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypyezyński. Construção dos saberes docentes do professor de Geografia. **Mercator**, v.8, nº 16, p. 167-175, 2009.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves et al. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Caminhos de Geografia**, v. 11, nº 35, 2010, p. 173-178.

PONTUSCHKA, N. N. et al. Estudo do meio: momentos significativos de apreensão do real. In: PONTUSCHKA, N. N. et al. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 171 - 200.

RESENDE, Márcia Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. São Paulo: Papyrus, 1989, p. 83 -113.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil. **Revista Terra Livre**, n. 15, p. 129-144, 2000.

VESENTINI, Jose William. Educação e Ensino de Geografia: Instrumentos de Dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 14-33.

_____. A Formação do Professor de Geografia: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de; PONTUSCHKA, Nidia Nacib (Orgs.). **Geografia em Perspectiva: Ensino e Pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 235-240.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na Geografia. **Temporis(ação)**, v. 01, nº 09, p. 01- 12, 2008.

ANEXO -1



**GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

GRADE CURRICULAR ENSINO MÉDIO MODALIDADE NORMAL	
1º ANO	
Componente Curricular	Carga Horária
Lingua Portuguesa	164h/a
Lingua Estrangeira	82 h/a
Educação Física	82 h/a
Biologia	82 h/a
Física	82 h/a
Química	82 h/a
Matemática	164h/a
História	82 h/a
Geografia	82 h/a
Organização da Educação Escolar	82 h/a
História da Educação	82 h/a
Filosofia da Educação	41 h/a
Sociologia da Educação	41 h/a
Bases Pedagógicas do Trabalho Escolar	82 h/a
Aulas Presenciais e Memorial	82 h/a
2º ANO	
Componente Curricular	Carga Horária
Lingua Portuguesa	123h/a
Lingua Estrangeira	82 h/a
Educação Física	82 h/a
Biologia	82 h/a
Física	82 h/a
Química	82 h/a
Matemática	123h/a
História	82 h/a
Geografia	82 h/a
Psicologia da Educação I	82 h/a
Filosofia da Educação	41 h/a
Educação do Ensino Fundamental	82 h/a
Aulas Presenciais/Memorial	82 h/a
Projetos de Trabalho	123 h/a

3 ° ANO	
Componente Curricular	Carga Horária
Lingua Portuguesa	164 h/a
Arte	41 h/a
Biologia	82 h/a
Física	82 h/a
Química	82 h/a
Matemática	164h/a
Geografia	41 h/a
Psicologia da Educação II	82 h/a
Sociologia da Educação	41 h/a
Educação de Jovens e Adultos	82 h/a
Educação Infantil	41 h/a
Educação do Ensino Fundamental	123 h/a
Aulas Presenciais/Memorial	82 h/a
Projetos de Trabalho	123 h/a
4 ° ANO	
Componente Curricular	Carga Horária
Lingua Portuguesa	82h/a
Arte	41 h/a
Matemática	82 h/a
Educação de Jovens e Adultos	82 h/a
Educação Infantil	82 h/a
Educação Especial	82 h/a
Educação do Ensino Fundamental	123 h/a
TCC	164 h/a
Docência de Projetos	300 h/a